Conclusão: Apesar da população idosa não ser a de maior proporção de casos de covid-19 confirmados no Ceará, ela foi a mais impactada, principalmente entre os idosos a partir de 80 anos, ou seja, os mais vulneráveis. Por fim, a análise corrobora com o fato do idoso ser um dos principais grupos de risco para o covid-19, porém como se trata apenas da população cearense, é interessante um estudo ampliado para a população brasileira.

Palavras-chave: Coronavírus Idoso Epidemiologia Descritiva

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.102940

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS PACIENTES INTERNADOS COM COVID-19 EM UM HOSPITAL PEDIÁTRICO DE REFERÊNCIA NA BAHIA, DURANTE O PRIMEIRO ANO DE PANDEMIA

Carolina Santos Pimenta[a,*], Aline Araújo de Carvalho[a], Bruna Cristine de Oliveira Silvério dos Reis[b], Maria Thereza Uzeda Espinheira Florentino[a], Saulo Ferreira de Assis[c], Ana Rafaela Soares do Vale[a], Lucca Oliveira Soares Pinto[a]

[a] *Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), Salvador, BA, Brasil;*
[b] *Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC), Salvador, BA, Brasil;*
[c] *Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil*

Introdução: No final de 2019, o coronavírus SARS-CoV-2 emergiu na China, desencadeando uma pandemia global a partir de março de 2020. Adultos e crianças têm taxas semelhantes de infecção, no entanto, as crianças apresentam uma forma mais leve da doença e menor taxa de mortalidade. Em Salvador, até abril de 2021, houve 868.048 casos confirmados, sendo 97.519 em crianças. Embora a maioria dos casos pediátricos seja leve, as crianças desempenham um papel significativo na disseminação do vírus.

Objetivo: Descrever o perfil epidemiológico dos pacientes com SARS-CoV-2 internados em um Hospital Pediátrico de referência na Bahia, durante o primeiro ano de pandemia.

Metodologia: Trata-se de um estudo epidemiológico observacional, transversal e documental, com pacientes até 18 anos incompletos, internados com COVID-19 no Hospital Pediátrico Martagão Gesteira, durante o período de abril de 2020 a março de 2021. Foram analisados 142 prontuários, registrados no sistema de armazenamento de prontuários CONSULT4. Foram excluídas as crianças que testaram negativo, maiores de 18 anos, e os casos que não tiveram registro de dados no banco nacional que comprovem a positividade dos exames considerados diagnósticos.

Resultados: Das 142 crianças incluídas, predominou-se o sexo masculino (52,80%) e a faixa etária lactente (31,70%). O método diagnóstico mais utilizado foi a transcrição reversa seguida de reação em cadeia da polimerase (RT-PCR) com 65,50%. Ao avaliar o estado nutricional, 75% das crianças apresentavam parâmetros adequados no Z-score de peso para a idade. Os principais sinais e sintomas na admissão foram febre (63,40%), tosse (51,40%) e dispneia (48,60%). Da amostra, 76,80% possuíam comorbidades. Em relação aos desfechos negativos, destacou-se a necessidade de admissão na unidade de tratamento intensivo em 52,80% das crianças.

Conclusão: A maioria dos casos nas crianças são leves, apesar de algumas manifestações graves. Por ser um hospital terciário de referência, essa amostra revelou que mais da metade dos pacientes tinham mordidades, e por isso, metade necessitou de tratamento intensivo. Como o esperado, tosse, febre e dispneia foram os sintomas mais comuns. A COVID-19 é uma doença recentemente descoberta e há poucos estudos na literatura científica sobre a manifestação em crianças. Portanto, é essencial fornecer dados que possam ajudar na identificação de um perfil pediátrico mais suscetível a essa doença.

Palavras-chave: COVID-19 Crianças Internação

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.102941

PREDITORES DE PROTEÇÃO CONTRA COVID-19 EM PROFISSIONAIS DE SAÚDE VACINADOS DURANTE 5 ONDAS CAUSADAS POR VARIANTES DE PREOCUPAÇÃO DO SARS-COV-2 EM SÃO PAULO, BRASIL

Alessandra Luna-Muschi[a,*], Igor Carmo Borges[a], Antonio dos Santos Barboza[b], Elizabeth de Faria[c], Marina Farrel Cortês[a], Ana Paula Barboza[a], Victor Bertollo Gomes Porto[d], Vanderson Sampaio[e], Mariângela Simão[e], Ester Cerdeira Sabino[a], Silvia Figueiredo Costa[f]

[a] *Departamento de Moléstias Infecciosas e Parasitárias, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), São Paulo, SP, Brasil;*
[b] *Centro de Atendimento ao Colaborador, Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (HCFMUSP), São Paulo, SP, Brasil;*
[c] *Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (HCFMUSP), São Paulo, SP, Brasil;*
[d] *Hospital de Base do Distrito Federal (HB), Brasília, DF, Brasil;*
[e] *Instituto Todos pela Saúde, São Paulo, SP, Brasil;*
[f] *Divisão de Moléstias Infecciosas e Parasitárias, Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (HCFMUSP), São Paulo, SP, Brasil*

Introdução: Os fatores de proteção contra as diferentes variantes do SARS-CoV-2 não estão completamente elucidados. Nosso objetivo foi avaliar o efeito das doses vacinais de reforço e infecções prévias no risco de COVID-19 em profissionais de saúde (PS).

Métodos: Este é um estudo caso-controle aninhado numa coorte prospectiva de PS do Hospital das Clínicas/FMUSP. Todos os PS foram acompanhados a partir da administração da segunda dose da vacina contra SARS-CoV-2 até o final da 3° onda da Ômicron com o desfecho de infecção de escape por SARS-CoV-2. As ondas foram classificadas da seguinte forma: Gama (05/03/2021-05/08/2021), Delta (20/08/2021-18/12/2021),